

Paraíba

Agroecologia no prato e sossego no coração: a vida da família de Eva e Lula no Assentamento Padre João



“Quando a cisterna de produção chegou, mudou tudo. Foi nas formações do P1+2 que eu atentei pra agroecologia, e passamos a produzir assim desde então.” É assim que Eva Luciano resume uma virada importante em sua trajetória no Assentamento Padre João, no município de Mogéiro-PB. A virada foi justamente a agroecologia: plantar alimentos livres de agrotóxicos, com respeito à terra e à saúde da família. Ao lado do companheiro Luiz Antônio, conhecido como Lula, e dos filhos, Evidy e João Neto, ela constrói uma vida baseada no trabalho com a terra, na agroecologia e no cuidado com o que alimenta o corpo e a alma.

Tanto Eva como Lula vêm de famílias assentadas da reforma agrária, Eva nasceu em Itabaiana e se criou em Mogéiro. Já Lula nasceu em Pilar e chegou a Mogéiro aos 8 anos de idade. Casaram-se ainda jovens, mas, diante da dificuldade de conseguir um pedaço de terra no Assentamento Dom Marcelo, onde seus pais viviam, quando o local ainda era uma ocupação, decidiram tentar a vida no Rio de Janeiro. Trabalharam em um hortifruti e passaram três anos por lá. Foi nesse período que receberam a notícia, através da família, de que filhos e filhas de agricultores do Assentamento Dom Marcelo haviam ocupado novas terras, conhecidas hoje como Assentamento Padre João. A notícia reacendeu o desejo de viver da terra, e o casal retornou à Paraíba decidido a recomeçar.



Depois de três anos acampados nas terras do Assentamento Dom Marcelo, se mudaram com outras famílias para o Padre João, onde passaram um tempo acampados no galpão dos currais da antiga fazenda. Só após muita luta, conseguiram a licença do INCRA para viver oficialmente na terra. Com o acesso ao FGTS acumulado do período no Rio, construíram rapidamente uma pequena casa e, por volta de 2012, também passaram a acessar o Bolsa Família, o que ajudou nas despesas básicas enquanto estruturavam a nova moradia.

Com as sementes crioulas doadas pela família, deram início ao plantio das primeiras lavouras de milho, feijão, amendoim e macaxeira, além da criação de galinhas e vacas. Em 2013, nasce Evidy, o primeiro filho do casal e novos investimentos são feitos no lote, como a instalação de cercas e a ampliação da criação de animais.

O acesso ao PRONAF em 2015, permitiu a compra de ferramentas para a agricultura, enxada, foices e forrageira, e a construção da primeira cisterna de água de beber. Mas foi em 2017, com as formações do Programa Uma Terra e Duas Águas, realizado pelo CENTRAC, que a agroecologia passou a fazer parte de forma definitiva do cotidiano da família. “A gente não tinha água. Tinha vontade de plantar, mas não podia fazer nada”, lembra Eva ao afirmar que as formações mudaram a forma de conviver com o Semiárido. A chegada da cisterna calçadão foi um divisor de águas: com ela foi possível plantar hortaliças, fruteiras e estruturar a criação de galinhas para venda de ovos.



Antes disso, a água era buscada no assentamento Dom Marcelo, em uma carroça, em trajetos de mais de 30 minutos. Durante a seca, a solução era recorrer a um carro-pipa que abastecia caixas d'água coletivas deixadas pela prefeitura na estrada. Em 2021, acessaram novamente o PRONAF, agora na modalidade Água, e puderam investir em estruturas para irrigação e poço que já haviam escavado com recursos próprios.



As primeiras fruteiras — manga, jaca, acerola e pinha — foram plantadas com a água da cisterna de beber e ainda hoje dão frutos. A diversidade no quintal inclui hortaliças, plantas medicinais e ornamentais. Para aumentar a produção, o plantel de galinhas foi ampliado: de 20 para quase 50. Diante das secas severas, como a de 2019, a família passou a cultivar capim massai e braquiária para alimentação do gado. As galinhas comem milho e macaxeira triturados na forrageira adquirida com os recursos do PRONAF.

Hoje, cerca de 80% da alimentação da família vem da própria terra: hortaliças como couve, coentro, pimentão e cebolinha; ervas como manjerição, hortelã, capim-santo, babosa e urucum; e um pomar com manga, acerola, caju, pinha, seriguela, graviola, goiaba, amora, maracujá, limão, carambola e coco. Do roçado, colhem milho, feijão, amendoim e macaxeira.



O excedente é vendido na Feira Agroecológica de Mogeiro, criada com as famílias beneficiadas pelo programa, com apoio do CENTRAC, em 2018. Lá, encontraram autonomia e valorização. Além das frutas e hortaliças, Eva vende bolos, cuscuz, galinha de capoeira, picado, macaxeira, tapioca, beiju, tudo feito no fogão agroecológico, que Eva diz que não vive sem ele. “É uma economia danada”, conta. Já Lula, ajuda na venda e no troco. “É muito melhor vender na feira do que para atravessador. A gente perde dinheiro com eles. Já na feira, a gente recebe o justo”, afirma Eva. A feira trouxe também formações sobre certificação participativa e cursos como o de beneficiamento de polpa de frutas, que acabou por influenciar a comprar um freezer. “A geladeira era apertada e as frutas se perdiam no roçado. Agora tem espaço até pra guardar as galinhas preparadas.”



Além de Mogeiro, Eva passou a participar das feiras da Rede ASA Paraíba, realizadas em Campina Grande anualmente, e da Feira de Saberes e Sabores do Fórum de Lideranças do Agreste (FOLIA), realizada desde 2023 de forma itinerante.

Em 2024, junto com outras cinco mulheres, criou o grupo “Elas por Elas”, que vende bolos e hortaliças para o PNAE estadual e municipal e também na comunidade. Evidy, com 11 anos, adora ir para a feira e já ajuda nas tarefas domésticas e no preparo de receitas com a mãe.

Durante a pandemia, nasceu João, o filho mais novo, de 3 anos, e vieram os investimentos na ampliação da casa, a partir dos recursos liberados pelo INCRA. A família também investe na produção de amendoim. Lula conta que é uma cultura forte no Assentamento.

Hoje, são três cisternas e um poço que sustentam a produção e a vida da família. A água do poço serve para os animais, a do calçadão para a produção, mas também para os cuidados da casa. As cisternas menores, uma serve para beber e cozinhar e a outra é reserva, mas a família mantém a estratégia de economizar com cuidado no verão.

A família segue sonhando com um futuro promissor. Deseja construir um galinheiro de 50 metros quadrados e usar o espaço de criação em revezamento com o plantio de feijão. “A ideia é que no tempo do amendoim, as galinhas fiquem no cercado. Depois da colheita, a gente solta elas e planta feijão no espaço cercado, que vai tá protegido”, explica o casal.

Na casa de Eva e Lula, a agroecologia é prática e projeto de vida. É comida no prato, fartura no roçado e tranquilidade no coração. “O que a gente mais gosta de viver aqui é o sossego, a tranquilidade e a segurança”, resume Lula. Uma história que mostra que, com acesso à terra, políticas públicas e organização coletiva, é possível viver bem, produzir com dignidade e alimentar o mundo com respeito à natureza e saúde no prato.